

SILENCIOSAS OU SILENCIADAS? MULHERES NO UNIVERSO MUSICAL DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Magdalena Chambel

Centro de História da Universidade de Lisboa
Manga-Manga, São Tomé e Príncipe



São João dos Angolares, 2025

Título

Silenciosas ou silenciadas? Mulheres no universo musical de São Tomé e Príncipe

Autora

Magdalena Chambel

Fotografias

José Chambel

Cartazes

José Chambel



O presente artigo resulta de investigação financiada pelo programa Ibermúsicas, no âmbito da linha de financiamento “Ajuda a artistas e pesquisadores para residências”. A bolsa foi atribuída em 2024 para a realização de residência de pesquisa em 2025.

ÍNDICE

Introdução	4
Contexto: as realidades do microuniverso insular	5
Caminho, fontes e metodologia	7
Fragmentos da história: música e mulheres na música	10
Atualidade: as vozes das artistas	14
Retratos das artistas	18
Transformação do projeto: investigação-ação	32
Reflexões finais	40
Entrevistas utilizadas	41
Bibliografia.....	42

Introdução

A fotografia da capa deste trabalho não reflete o tema principal da investigação realizada. Contudo, a sua escolha não foi aleatória, nem se baseou apenas na sua qualidade artística. A imagem representa uma parte importante do universo musical santomense: retrata as membras de um dos vários grupos de bulauê, uma das manifestações musicais mais populares, atualmente e já há várias décadas, no arquipélago de São Tomé e Príncipe. Cada grupo de bulauê inclui na sua composição algumas mulheres, responsáveis pelas partes de coro e pela dança. A sua presença é indispensável para a execução da performance. As mulheres integram igualmente outros grupos, como os de socopé, dêxa ou até do danço congo, nos quais existe frequentemente um coro feminino. Predominam, também, nos coros das igrejas. As mulheres cantam, apreciam essa prática e são muito boas nas suas performances. Contudo, a análise de discos, videoclipes e concertos de artistas a solo evidencia uma presença feminina bastante reduzida, ainda mais acentuada na atualidade do que outrora.

A imagem da capa reflete o meu ponto de partida para a investigação e reflexão sobre as artistas individuais atualmente ativas e a residir em São Tomé e Príncipe. Esta pesquisa integra uma investigação mais ampla, em curso, dedicada ao universo musical feminino no passado e na atualidade, abrangendo diversos tipos de envolvimento das mulheres na música. A bolsa que me foi atribuída pelo programa Ibermúsicas¹ permitiu-me concluir este importante capítulo, dedicado à situação atual das artistas individuais.

Como várias vezes acontece, o percurso realizado durante a pesquisa diverge do plano inicialmente esboçado. É característica do nosso trabalho, já que, como afirma Angela Impey (2018: 24), “ethnography often thrives on the unexpected; on ironies, on coincidences, and incompleteness of action; on the substance or residue of everyday life”². A capacidade de se adaptar à situação encontrada, de ouvir, de alterar os planos e o percurso programado, são elementos indispensáveis de uma pesquisa ética e cujos resultados fornecem uma imagem não distorcida da situação. Nesta investigação, a realidade encontrada foi tão distante da esperada, que a transformação do plano de trabalho foi muito significativa. A aposta nas atividades educativas e de popularização de conhecimento, cujo objetivo foi incentivar reflexão, que – potencialmente – poderá induzir mudanças, foi tomada com a maior consciência do bom aproveitamento do tempo dedicado ao trabalho no terreno.

Definindo o foco do meu estudo — as artistas que desenvolvem uma carreira individual e vivem no arquipélago — deparei-me com o facto de que, atualmente, não existem mulheres que se dediquem à música com uma carreira sólida, ou seja, com discos gravados, numerosos concertos realizados e atuações regulares. Cheguei ao ponto de ter de definir, para efeitos deste trabalho, quem seria considerado como uma artista que desenvolve uma carreira individual.

¹ O presente artigo resulta de investigação financiada pelo programa Ibermúsicas, no âmbito da linha de financiamento “Ajuda a artistas e pesquisadores para residências”.

² Tradução: “a etnografia prospera frequentemente no inesperado: nas ironias, nas coincidências e na incompletude da ação; na substância ou nos vestígios da vida quotidiana”. Todas as traduções são da minha autoria.

A lacuna entre o passado recente e o presente é evidente: a nova geração de artistas ainda não conseguiu construir uma carreira consolidada, enquanto as cantoras das gerações anteriores, na sua maioria, não residem nas ilhas. As que aqui permanecem não realizam atividades musicais com regularidade. Para compreender o que aconteceu e o que está a acontecer, decidi entrevistar e considerar como artistas individuais todas as mulheres que já têm algum trabalho disponível, como videocliques, vídeos de atuações ou apresentações ao público. Incluí também pessoas cuja obra ainda é reduzida, mas sobre as quais ouvi falar ou cujos trabalhos encontrei.

Creio que somente desta forma é possível entender por que — ao contrário de muitos outros países — não existem artistas santomenses que subam aos palcos nacionais e internacionais, reconhecidas e apreciadas não apenas pelo público local, mas também por ouvintes de outras latitudes, próximas e distantes. Apesar de não se poder falar num silêncio absoluto, considero que o universo musical feminino em São Tomé e Príncipe é relativamente silencioso ou, talvez mais precisamente, silenciado.

Neste trabalho, dou voz às artistas: às mulheres corajosas que não conseguem parar, ultrapassando todas as barreiras que surgem no seu caminho. Não são as únicas pessoas com quem falei durante a minha pesquisa, mas decidi — neste primeiro trabalho resultante do projeto — destacar as suas contribuições, pois são as testemunhas mais diretas, aquelas que partilham as suas próprias vivências.

Contexto: as realidades do microuniverso insular

Escrevo a partir do sul da ilha maior, a de São Tomé, onde decorreu a minha residência de pesquisa e onde analisei as histórias que me foram contadas por dezenas de mulheres de várias partes do arquipélago, que entrevistei ou com as quais conversei. Aqui, em São João dos Angolares, não encontrei nenhuma artista que tivesse algum trabalho já registado ou pronto para apresentar. Uma jovem muito talentosa e conhecida por todos e todas, de nome artístico Any Moreira, emigrou para Portugal há uns anos e, de momento, não pensa em voltar. Uma emigração massiva tem ocorrido nos últimos quatro anos, já que — apesar da melhoria dos indicadores no Índice do Desenvolvimento Humano e passagem do arquipélago para o grupo de países de desenvolvimento médio — a situação atual vivida por grande parte dos seus habitantes é desafiante. A educação encontra-se num nível bastante baixo, com frequentes cancelamentos de aulas, turmas muito numerosas e falta de equipamentos que possam facilitar a apresentação do material. A impossibilidade de dar atenção a todos os alunos e alunas resulta em grandes lacunas no material apreendido, chegando até a situações graves, quando os alunos no nível secundário têm dificuldades em escrever, facto constatado por um dos professores do liceu local.

O défice de oportunidades de emprego alimenta o desânimo e aumenta o desejo de viver noutro lugar do mundo. Os empregos formais, com contratos, todos os benefícios e remuneração digna, são insuficientes para responder à procura. Uma parte significativa da

população ativa exerce atividades no sector informal, sofrendo com todas as consequências resultantes desta situação (Bialoborska, 2017; Bialoborska & Rodrigues, 2017).

A área de saúde é outro campo que faz com que muitas pessoas procurem as formas para emigrar. Além de inexistência de médicos de várias especialidades, de distâncias enormes que as pessoas têm de percorrer para chegarem aos centros de saúde ou hospitais, há frequentes faltas de materiais, medicamentos, testes e reagentes para realização de análises. Há alguns exames que só podem ser realizados em clínicas privadas, o que exclui automaticamente uma parte da sociedade do acesso, devido aos custos associados.

Não existe uma rede de transportes que possibilite uma deslocação livre, regular e acessível entre os vários locais da ilha. Os *hiaces*³ e os táxis coletivos não chegam a todas as localidades, não têm horários definidos e não param em todos os pontos do percurso — quando estão cheios, não podem transportar mais pessoas. O preço dos motoqueiros⁴, muitas vezes a única possibilidade de deslocação, é alto, particularmente em percursos entre localidades ou em zonas com estradas precárias, onde os carros têm dificuldades em passar.

A isso somam-se constantes problemas com a energia, que — em muitos períodos — falha por tempo indeterminado e sem aviso prévio. Também a água ainda não chega a todos os quintais, o que obriga várias mulheres e crianças a andar com loiça e roupa na cabeça para lavar tudo nos rios e riachos mais próximos das suas habitações.

Descrevo estes fragmentos da realidade santomense, uma realidade existente em 2025, porque poderão constituir uma das causas da falta de mulheres que tenham optado por se dedicar à música. Não é fácil encontrar forças para criar e se dedicar à arte depois de cumprir todas as tarefas do dia-a-dia neste contexto onde várias atividades ocupam muito mais tempo do que noutras circunstâncias. No entanto, esta não é a única explicação para o silêncio que caracteriza o universo musical feminino.

Outro fator cuja relevância não pode ser ignorada quando analisamos o universo musical é o facto de se tratar de um microuniverso rodeado pelas águas do Atlântico. São Tomé e Príncipe é um pequeno país insular, situado no Golfo da Guiné a cerca de 300 km da costa oeste africana, composto por duas ilhas e alguns ilhéus, com a área total de aproximadamente 1000 km². É habitado por somente 210 mil pessoas, de acordo com os resultados preliminares do último CENSO, realizado em 2024 (INE, 2025). Entre as várias consequências da sua dimensão e localização geográfica, destaco aqui apenas as que incidem diretamente na produção musical: a escassez de profissionais e estúdios que permitam o registo da música e a reduzida oferta de espaços e oportunidades para atuações ao vivo. Esta realidade é constatada em vários outros pequenos países. Em São Tomé e Príncipe, a isso acresce um problema muito grave que é o da falta de músicos instrumentistas. Não é costume um cantor atuar acompanhado por uma banda, a não ser que se trate de um conjunto musical, tipo de grupo que surgiu nos anos 1960 e que até agora se mantém ativo, mesmo se o seu número reduziu significativamente. Quanto a artistas individuais, eles e elas recorrem aos estúdios de gravação

³ Carrinhas de 9 lugares que asseguram o transporte de passageiros entre diferentes localidades e a capital.

⁴ Designação local de moto-taxistas.

onde os instrumentais são produzidos com o apoio de *softwares* de áudio pelos produtores musicais, na sua maioria proprietários de estúdios. As atuações são em playback, muitas vezes em regime de playback total, incluindo a voz do cantor ou cantora. As consequências desta situação são bastante prejudiciais para artistas que não conseguem ter um registo que possa ser apreciado pelo público mais exigente, também fora das fronteiras do arquipélago. A grande parte de artistas individuais de São Tomé e Príncipe acaba por atuar pouco e somente para o público nacional, no arquipélago ou, no caso de cantores/as que conquistaram maior popularidade, também nos países onde a diáspora santomense é numerosa e organiza os seus eventos culturais ou de lazer, convidando cantores residentes nas ilhas.

Apesar de ser uma apresentação fragmentária, na qual destaquei apenas alguns dos elementos relevantes da realidade santomense, focando especialmente aqueles que têm algum impacto na produção musical, é possível perceber que é necessária muita força e persistência para criar ou interpretar música. No caso das mulheres, existe ainda outro fator a considerar, que ainda — em 2025, com artistas femininas a subirem palcos em todo o mundo — perdura. Ao iniciar esta pesquisa e as entrevistas com a jovem geração de cantoras santomenses, não esperava ouvir as histórias que ouvi e que apresentarei adiante.

Caminho, fontes e metodologia

A pesquisa, cujos resultados aqui apresento, decorreu no primeiro semestre de 2025, facto importante, já que — como mencionado anteriormente — defini como foco do meu estudo as mulheres artistas individuais, atual ou recentemente ativas e a residir em São Tomé e Príncipe. O número diminuto de artistas a viver e atuar nas ilhas, bem como as histórias que partilharam comigo, levou-me a alterar o alcance do meu trabalho, não só através do aumento do círculo de pessoas a entrevistar, mas também apostando em atividades de carácter educacional e na difusão de reflexão sobre o silêncio que impera no universo musical feminino.

Um dia, à beira da estrada em São João dos Angolares, durante uma conversa com várias adolescentes, perguntei: “Quem é a vossa cantora santomense preferida?”. Uma delas respondeu logo, com a pergunta: “Mas aqui há cantora?!?”, indiciando, de forma concisa, as conclusões às quais cheguei alguns meses depois.

A preparação – indireta – para este estudo começou em 2013, quando iniciei o meu trabalho sobre a música em São Tomé e Príncipe, tanto através da investigação, como produção. Ao longo dos anos, reconstruí a história das transformações do universo musical das ilhas de São Tomé e Príncipe desde os meados do século XIX até aos anos 1990 do século XX e produzi vários concertos de artistas santomenses. Os resultados da minha pesquisa foram apresentados na minha tese de doutoramento, mais tarde transformada em livro, editado pelo Centro de História da Universidade de Lisboa (Chambel, 2022). Durante vários anos de pesquisa e de trabalho com músicos santomenses, apercebi-me que a presença das mulheres é, e sempre foi, bastante diminuta, particularmente enquanto protagonistas das performances. Além disso, as mulheres foram raramente indicadas como pessoas a entrevistar quando eu criava a minha rede de contactos inicial através do efeito bola de neve, exatamente como

acontecia noutros contextos, descritos por académicos que trabalham sobre a música (Koskoff, 1987; Nettl, 2015, entre vários outros). Ao receber as provas finais do meu livro, decidi começar a aprofundar esta questão, procurando identificar as razões da reduzida presença feminina na história da música de São Tomé e Príncipe. Comecei a reunir testemunhas e a analisar os materiais arquivísticos que já recolhera, mas que nunca tinha examinado sob este ângulo. O trabalho — várias vezes interrompido pela realização de outros projetos de investigação — foi retomado recentemente. O estudo realizado no âmbito da pesquisa apoiada pelo Ibermúsicas acrescentou questões adicionais aos pontos de partida anteriormente definidos. São Tomé e Príncipe não é o único país onde a presença feminina nos palcos, como protagonistas, à frente de bandas ou conjuntos musicais, foi diminuta. Situação similar é constatada por vários autores e em diversos contextos (Amoah-Ramey & Abena, 2018; Drinker, 1948, entre outros). O que espanta é a persistência desta situação atualmente, apesar de todas as mudanças ocorridas no mundo e dos discursos sobre as questões de igualdade de género frequentemente promovidos nas ilhas. A realidade apresenta-se, assim, distante daquela retratada por várias vezes, muitas delas provenientes de mulheres a viver na diáspora.

Para o primeiro esboço do universo musical feminino na atualidade contribuiu de forma significativa o programa *TVS Clip*, realizado por Joyce Costa, emitido semanalmente na TVS-Televisão Nacional Santomense e disponível online no site YouTube do realizador⁵. É uma excelente fonte que permite proceder a um reconhecimento da atualidade musical, não só no que diz respeito à música criada nas ilhas, mas também à produzida por artistas santomenses na diáspora. As redes sociais, particularmente Facebook, também serviram como uma fonte de informação, já que em vários grupos e contas particulares costumam ser partilhados videoclips e informações sobre as novidades musicais. Durante a estada em São Tomé e Príncipe, ouvia com regularidade a Rádio Nacional de São Tomé e Príncipe (RNSTP), que não divulga necessariamente todas as novidades, mas permite ter uma ideia da seleção musical transmitida a milhares de pessoas. A rádio continua a ser bastante ouvida, particularmente por pessoas mais velhas, chegando, de forma indireta, a públicos mais jovens que com elas partilham as habitações ou os quintais. Recorri, também, ao programa *Nós por Lá*, realizado por Nilton Medeiros e produzido por Jerónimo Moniz, emitido na TVS e disponível online⁶, dedicado a santomenses na diáspora, para verificar se entre centenas de edições do programa se encontravam episódios dedicados às cantoras de origem santomense. Reouvi, também, as entrevistas realizadas nos anos anteriores, com as artistas santomenses que atualmente vivem fora do arquipélago ou que dividem o seu tempo entre São Tomé e Príncipe e Portugal.

No âmbito da residência de pesquisa, realizei oito entrevistas com cantoras em diferentes fases das suas carreiras, quase todas — com exceção de uma, que não tem atuado recentemente — ativas e a viver em São Tomé e Príncipe. Entre elas, a maioria é jovem. Uma parte encontra-se ainda numa fase muito inicial do seu percurso. Num momento posterior da pesquisa, aquando das atividades educativas, workshops e conversas, apurei os nomes de mais

⁵ O programa *TVS Clip* encontra-se disponível em <https://www.youtube.com/@joycecosta8939>.

⁶ O programa *Nós por Lá* encontra-se disponível em <https://www.youtube.com/@nosporla>.

cinco jovens que desenvolviam algumas atividades musicais. Contudo, todas se encontravam ainda numa fase bastante inicial do seu percurso, pelo que optei por realizar entrevistas com elas numa oportunidade futura, caso continuem a dedicar-se à música.

Ademais, entrevistei um produtor musical e DJ, profundo conhecedor da cena musical local; o Diretor-Geral da Cultura de São Tomé e Príncipe; a anterior Diretora-Geral da Cultura, atriz e membro da Associação Mamã Catxina (AMC); três professores universitários que lecionam métodos de ensino da expressão musical a futuros professores, todos com vasta experiência e sólidos conhecimentos da música e da cultura santomense; uma professora do liceu de Angolares que, também, organiza atividades para jovens do distrito de Caué; a vereadora da área social da Câmara de Caué, professora e dinamizadora de diversas atividades dirigidas às mulheres a nível local; e o antigo Embaixador de São Tomé e Príncipe em Portugal, conhecedor da música das ilhas e autor de canções que reúnem letras de músicas de diferentes conjuntos e as respetivas tradições, traduzidas para português. Conduzi inúmeras conversas com habitantes de São João dos Angolares, de várias idades, particularmente mulheres, tentando apreender os seus pontos de vista sobre dedicação à música, bem como conhecer diretamente as suas dificuldades diárias, os seus planos, perspetivas e sonhos.

Deparei-me com um universo musical circunscrito, tanto em termos do número de artistas ativas como da duração dos seus percursos. Tal constatação conduziu à reformulação da metodologia adotada na segunda fase da investigação, a qual passou a enquadrar-se numa abordagem de investigação-ação, ou antropologia-ação, que, para além da recolha de materiais, visa igualmente identificar e promover possibilidades de transformação da situação (Rubinstein, 2018), amplamente desejadas pelas entrevistadas. Alarguei o leque de atividades educativas e reflexivas, adaptando, em simultâneo, os respetivos programas. Junto com vários públicos — escolas primárias do segundo ciclo, escolas secundárias, faculdades e público em geral, tanto na capital como em São João dos Angolares — procurámos não só identificar mais artistas femininas ou aquelas que, por alguma razão, interromperam os seus percursos, bem como apurar as razões do seu número reduzido, para além de refletir sobre a possibilidade de mudar a situação e definir os passos necessários para que essa mudança ocorra.

As questões revelaram-se complexas, como demonstrarei nas partes finais deste texto, e a viragem metodológica, com o alargamento dos métodos colaborativos, permitiu compreender a urgência e a necessidade de um trabalho multissetorial, com o envolvimento de várias instituições, uma vez que os problemas não se prendem exclusivamente com as atividades musicais.

Percebi, assim, que começara pelo topo do iceberg.

Fragmentos da história: música e mulheres na música

As mulheres sempre participaram ativamente nas manifestações musicais tradicionais existentes em São Tomé e Príncipe. Analisando a história da música nas ilhas, desde os inícios do século XX⁷, deparamo-nos com a prevalência, durante várias décadas, de manifestações executadas em grupo (Amado, 2010; Chambel, 2022; Santo, 1998). A diversidade musical teve a ver com o facto de o arquipélago ter sido habitado por grupos de pessoas de várias origens. Além de naturais das ilhas (forros e angolares, na ilha de São Tomé, e naturais da ilha do Príncipe), falantes de três crioulos distintos, também permaneciam no arquipélago os portugueses e os trabalhadores contratados, chegados desde a segunda parte do século XIX para trabalhar nas roças de café e cacau. Este último grupo era bastante heterogêneo e composto, em grande parte, por pessoas oriundas de outros territórios africanos colonizados por Portugal. Além das comunidades maiores e internamente diversificadas, provindas dos territórios angolano, cabo-verdiano e moçambicano, havia grupos mais pequenos de *coolies* oriundos do Macau e da Índia, alguns prisioneiros da guerra chamados *guinés*, *kroomans* do território da atual Libéria e *cabindas* (Nascimento, 2002).

Cada grupo sociocultural, particularmente os mais numerosos⁸, tinha as suas próprias manifestações culturais e musicais, caso de socopé⁹ dos forros, quiná¹⁰ dos angolares, dêxa¹¹ dos naturais do Príncipe, puíta¹² dos contratados angolanos ou tchabeta¹³ dos cabo-verdianos, entre outros.

⁷ Indico esta data, já que a mudança social, cultural e económica, relativamente ao período anterior – o do chamado de *grande pousio* (Tenreiro, 1961) – já está bem solidificada nos inícios do século XX. O século anterior pode ser considerado como a transição e construção desta nova realidade que terminará com a independência do território em 12 de julho de 1975.

⁸ Até agora, não encontrei dados referentes à cultura, à vivência dos grupos mais pequenos (como *coolies*, *kroomans*, *cabindas*, *guinés*, etc.) no arquipélago santomense. Não é sabido, também, se permaneceram durante muito tempo na ilha e em que condição.

⁹ Uma das manifestações musicais mais populares ao longo do século XX, criada e interpretada pelos naturais das ilhas. Foi acompanhada por um espetáculo coreografado, com a participação de um grupo de interpretes masculinos e femininos. Mais tarde, o ritmo em versões transformadas, serviu de base para géneros musicais tocados pelos famosos conjuntos musicais santomenses. A sua popularidade diminuiu nos anos 1980, aquando da popularização do outro género musical surgido na altura da independência e designado de bulauê (cf. Chambel, 2022; Santo, 1988).

¹⁰ Manifestação cultural dos angolares, naturais do sul da ilha de São Tomé (cf. Chambel, 2022).

¹¹ Género musical, acompanhado pela dança, originário da ilha do Príncipe. Distingue-se de outros géneros musicais do arquipélago pelo característico ritmo ternário (cf. Chambel, 2022).

¹² É provável que este género musical tenha surgido no arquipélago santomense, entre os trabalhadores contratados do território angolano. O seu percurso reflete bem a transformação social e cultural da sociedade que habitava o arquipélago. Anteriormente, executado somente nas roças, pelos contratados angolanos, com tempo passou para uma prática de lazer e diversão de contratados de outras origens, para finalmente – já após a independência – se tornar num género nacional, executado também por naturais de São Tomé e Príncipe. Sinalizo aqui, também, a transformação da própria sociedade santomense ao longo do século XX e que continuou após a independência, já que muitos dos contratados ou os seus descendentes (várias vezes, filhos de pais de origens diversas) ficaram nas ilhas (cf. Chambel, 2022; Nascimento, 2003, 2013).

¹³ Também designado de batuko, é um dos mais relevantes e mais antigos géneros musicais cabo-verdianos, levado para Cabo-Verde pelas pessoas escravizadas do continente africano (Tavares, 2005: 43). Junto com os cabo-verdianos, espalhou-se pelo mundo, acompanhando sempre os seus habitantes em vários lugares do seu destino. “O batuko era executado principalmente por mulheres, mas havia homens que se juntavam ao grupo. No batuko

Os grupos que executavam a música, em todos os casos acompanhada pela dança, eram compostos por homens e mulheres, cada um desempenhando o seu papel, distinto em cada manifestação. No entanto, no caso das participantes femininas, esse papel limitava-se ao canto ou à dança, não lhes sendo atribuída a execução de instrumentos ou protagonismo como solistas ou vozes principais. Apenas na tchabeta, manifestação musical cabo-verdiana amplamente praticada entre os contratados provenientes desse arquipélago atlântico, a presença feminina era predominante. Existiam, inclusive, grupos compostos exclusivamente por mulheres.

Os portugueses, que no século XIX começaram a chegar novamente às ilhas, após a introdução bem-sucedida de duas plantas que lhes iriam trazer grandes benefícios financeiros, também trouxeram a sua música. Este grupo não era homogéneo, facto importante a ter em conta na análise da música. Assim, tocava-se nas ilhas a música clássica, a solo ou em pequenos grupos, já que a formação de uma orquestra não era possível por causa do diminuto número de executantes de instrumentos musicais. Por esta mesma razão, noutro tipo de grupos introduzidos pelos portugueses – nas bandas militares e filarmónicas – eram frequentemente incluídos ilhéus e/ou contratados. Conhece-se fotografias que mostram este tipo de agrupamentos compostos somente por africanos. Por fim, havia agrupamentos menos numerosos, alguns dos quais poderão ter sido compostos só por portugueses. Eram as chamadas tunas. Estas últimas tiveram um impacto muito significativo na história da música do arquipélago.

No início do século XX, surgiu entre os ilhéus um novo tipo de grupos musicais, que, ao mesmo tempo, iniciou uma nova forma de convívio. Eram agrupamentos acústicos similares às tunas dos portugueses. Os agrupamentos acústicos dos santomenses continham os mesmos instrumentos musicais das tunas dos europeus, conquanto, anteriormente, não fossem executados neste formato de grupo por naturais das ilhas (Amado, 2010; Chambel, 2022; Reis, 1969; Santo, 1998). Apesar de não sabermos quais eram os primeiros géneros musicais tocados por estes agrupamentos, a influência europeia é evidente. Os agrupamentos atuavam nos espaços chamados fundões e para um público bastante restrito. Com as transformações sociais e culturais, a ocorrer nas ilhas e no mundo em geral, os agrupamentos acústicos transformaram-se – indiretamente – em conjuntos musicais. Mudou o tipo de performance, os géneros musicais interpretados e, conseqüentemente, o público que participava nos bailes, que os conjuntos acompanhavam. A música, nesta fase, tinha por função principal acompanhar a dança, preenchendo os momentos do lazer.

Nestes novos grupos, tanto nos agrupamentos acústicos como nos conjuntos, a presença de mulheres foi quase nula. Praticamente não havia mulheres instrumentistas. No entanto, nalguns grupos eram audíveis vozes femininas na parte do coro ou da segunda voz. Como exemplo mais antigo, pode servir o agrupamento Victória, criado por António Cravid em meados dos anos 1950 e em que participaram as suas filhas, principalmente nas sessões de

raramente participavam pessoas de outras origens, facto sublinhado pelos entrevistados nas roças Monte Café e Agostinho Neto. Isto pode significar que esta manifestação fortificava o sentido de pertença à uma comunidade e sublinhava o carácter passageiro da sua estada neste arquipélago equatorial” (Chambel, 2022: 165).

registro, raramente no palco, já que era algo não adequado para as mulheres (Entrevista STP.10.2023, Almada, 13.08.2023). Num período posterior, nos anos 1990, Xinha, uma das vozes femininas mais importantes na história da música de São Tomé e Príncipe, cantou com o conjunto Os Úntues e Sebastiana, igualmente importante artista, foi convidada para cantar com o conjunto Sangazuza. Também Cremilda Nogueira, outra artista muito conceituada, fez parte dos grupos diferentes dos conjuntos, caso do Tropic Som e do Duo RJ.

Nos anos 1990 e no início dos anos 2000, uma nova forma de compor e produzir música – através de programas de computador – resultou no aparecimento de vários artistas individuais, que já não precisavam de recorrer ao acompanhamento de um conjunto de músicos a tocar instrumentos. Bastava ir ao estúdio, onde um produtor preparava os instrumentais, gravar a voz e, de seguida, apresentar o seu trabalho ao público, recorrendo ao playback. Comprometendo a qualidade de música produzida e de espetáculo, a prática rapidamente dominou a cena musical santomense. Passadas mais de três décadas, o resultado é nefasto: dificilmente encontramos músicos instrumentistas entre a nova geração e praticamente não há artistas individuais que cantem acompanhados por uma banda. Quanto à questão de género, embora tenham surgido muitos artistas individuais, a presença de mulheres neste cenário ainda era escassa, com a predominância de artistas masculinos.

Contudo, ao comparar o cenário das décadas anteriores com a situação atual, observa-se uma diminuição gradual da criação e da atuação de artistas mulheres. As artistas que iniciaram a sua carreira nos anos 1990 ou no início dos anos 2000 não só eram em maior número, como apresentavam uma obra mais consolidada e uma maior regularidade nas atuações públicas. Entre várias cantoras santomenses, que fizeram parte da cena musical dessa época, destaco – com base nas vozes das pessoas que entrevistei, bem como nas informações retiradas dos workshops, das aulas lecionadas e de várias conversas informais – Cremilda, Sebastiana e Xinha. Os seus percursos artísticos deixaram uma marca bem nítida na história da música do arquipélago. Embora estejam menos ativas atualmente, por razões que serão analisadas em outro trabalho, continuam a criar e têm grande vontade de voltar aos palcos.

Todas elas começaram os seus caminhos musicais bastante cedo e não logo como artistas individuais. Juntaram várias experiências, aprenderam, trabalharam sob direções ou em colaboração com outros criadores e intérpretes antes de tomarem as decisões de seguir uma carreira a solo. Atente-se nalguns paralelismos nos seus percursos. Cremilda, que sempre escrevia poemas, já nos anos 1980 colaborava com o bulauê Liberdade de Santana, tendo criado letras de algumas das suas músicas. Chegou, até, a gravar com eles na Rádio Nacional de São Tomé e Príncipe. Também Sebastiana se iniciou no mundo de espetáculo com o grupo de bulauê do seu pai. Já Xinha fez parte de vários grupos de dança, conhecendo não só os ritmos tradicionais das ilhas, mas também as danças de outros países africanos e de América Latina. Percorreu a ilha com apresentações e espetáculos dançantes. Numa fase seguinte, as três artistas tiveram oportunidade em fazer parte de reconhecidos grupos musicais, experiência que certamente pesou bastante no seu futuro musical. Cremilda cantou no Tropic Som e no Duo RJ, Xinha fez parte do famoso conjunto Os Úntues, durante uma década, e Sebastiana gravou com o conjunto Sangazuza. Num dado momento, cada uma delas tomou

decisão de iniciar carreira a solo. Todas gravaram discos, circularam bastante, atuando em diversos locais. Atualmente, somente Sebastiana continua a viver nas ilhas, apesar de passar frequentemente longos períodos na Europa. Cremilda foi a primeira a sair, definitivamente, do país e o seu primeiro disco a solo foi gravado quando já residia em Portugal. Também Xinha, há uns anos migrou para Portugal onde reside até agora. Todas costumam atuar nos encontros da comunidade e, às vezes, juntam-se aos conjuntos santomenses existentes na zona de Grande Lisboa a acompanhar as tardes e noites dançantes nos terraços que funcionam nos arredores da capital portuguesa.

São percursos exemplares, de pessoas de grande talento, que investiram muito trabalho e dedicação para conseguirem expressar o que estava dentro delas: a música, a necessidade de criar, de apresentar, de partilhar a energia com o público que acompanhava os seus espetáculos, com ouvintes que apreciavam as suas músicas na rádio e os videoclips lançados com regularidade e difundidos online. Surge a questão da impossibilidade de viver exclusivamente da música, seguida de outra, relativa à visibilidade internacional, necessária para assegurar a primeira, dado o reduzido mercado musical santomense, que condiciona a vida artística.

O tema é complexo e não pode ser abordado na totalidade neste ensaio. Entre vários motivos, a falta de profissionais capazes de orientar as pessoas, prestando apoio e indicando um rumo recomendável, constitui um dos principais obstáculos à criação de qualidade e à valorização da música nacional, tanto ao nível das condições necessárias para a sua produção e apresentação, como à sua internacionalização. Por outro lado, os produtores musicais estrangeiros desconhecem a música do arquipélago e hesitam em investir nela. Faltam as referências sólidas e deparamo-nos com um círculo vicioso que precisa — com urgência — de ser interrompido.

No entanto, ao comparar os percursos das três artistas acima mencionadas com os caminhos que atualmente seguem algumas jovens cantoras, constata-se que existem diferenças, muitas das quais podem ser vistas como desafios a superar.

As dificuldades sentidas pela Cremilda, Xinha e Sebastiana, em relação a sua presença nos palcos nacionais, não divergem muito das que enumeram as artistas de hoje. Esta situação indicia uma estagnação social e a continuidade de inferiorização de mulheres. Não só em São Tomé e Príncipe, mas em vários outros países, o universo musical era dominado por homens. No caso do Gana, nos anos 1970, homens constituíam 85% dos executores da música popular, ou seja, bastante menos — em termos percentuais — do que em São Tomé e Príncipe. Contudo, as mulheres lutaram pela sua liberdade artística, pela possibilidade de atuar, de serem valorizadas e apreciadas. Conseguiram o seu espaço e neste momento há inúmeras cantoras, instrumentistas e grupos femininos (Amoah-Ramey & Abena, 2018). Em São Tomé e Príncipe, a “luta” nunca teve o mesmo peso. Inúmeras raparigas desistiam dos sonhos antes de os partilharem publicamente.

Atualidade: as vozes das artistas

Ao iniciar a investigação dedicada às artistas atualmente em atividade, não antecipava que os testemunhos recolhidos revelassem uma tão grande semelhança com as experiências vividas pelas mulheres que ingressaram na cena musical em décadas anteriores. Partilho algumas das suas reflexões, uma vez que estas explicam, de forma mais elucidativa do que qualquer outra fonte ou tipo de análise, o reduzido número de mulheres que se dedicam à música, desenvolvendo carreiras a solo.

Nesta secção, optei por preservar o anonimato das entrevistadas. Foram-me relatadas histórias de carácter profundamente pessoal, algumas delas particularmente dolorosas, que guardarei para mim. O que aqui apresento e transcrevo corresponde a opiniões, observações e considerações de uma perspetiva mais abrangente. Todas as informações provêm de entrevistas realizadas em São Tomé e Príncipe, no primeiro semestre de 2025.

Início com algumas observações de carácter geral, que afetam tanto homens como mulheres e influenciam de forma negativa o número de pessoas que decidem dedicar-se à música.

É frequente a opinião sobre a falta de valorização da música, tão importante para garantir a sua qualidade e dignidade das pessoas que se dedicam à sua criação ou interpretação. “(...) a cultura, e principalmente a música, não é muito valorizada”, repetem vários intervenientes. As consequências desta afirmação são evidentes: a educação musical no ensino público limita-se às aulas no primeiro e segundo ciclo, muitas vezes lecionadas por professores/as sem devida preparação; há vários anos, não se aposta na promoção da música tocada ao vivo, são escassos os/as jovens que aprendem tocar instrumentos musicais, o que resulta na falta de grupos de música de nova geração; não há locais para apresentação de concertos ao vivo; não se promove a música de qualidade.

A educação é hoje de importância fulcral. Antigamente, havia exemplos a seguir: conjuntos e grupos tradicionais ativos, além de pessoas que tocavam instrumentos e exímios criadores de letras. É um universo que ficou para trás, uma história interrompida. Observa-se um ponto de viragem na história da música do arquipélago, prolongado no tempo. Sem pontos de referência, é através da educação que se podem formar públicos e novos artistas.

A relevância da educação musical é conhecida e debatida há décadas. Não se trata necessariamente da preparação de profissionais na área, mas da formação de pessoas sensíveis e com conhecimentos que lhes permitam fazer escolhas conscientes. Atualmente, o acesso à música criada em várias partes do mundo está bastante facilitado. Através das plataformas de difusão de música online, chega-se facilmente a produções musicais de diferentes latitudes. Há tendências musicais que rapidamente se espalham por várias zonas e as modas ultrapassam fronteiras a uma velocidade nunca observada. Para filtrar o que nos chega, as referências e os conhecimentos são fundamentais. Por isso, a observação de Sophie Drinker, musicóloga norte-americana, escrita há mais de 70 anos e num contexto tão diferente, revela-se intemporal e adequada a realidades distintas, importando aplicá-la às ilhas do equador: “(...) slowly but surely education in music is being incorporated to the school system. It is the type of education

that trains ear, eye, and mind for the acquisition of experience in the language of music. Instead of training every child as a possible virtuoso, educators are making some attempts to train every child to be musically literate” (Drinker, 1948: 285)¹⁴.

Outra questão prende-se com o financiamento: é difícil encontrar quem esteja disposto a investir em música, seja através do patrocínio de gravações, seja da organização de espetáculos que promovam a criação artística. As/os jovens artistas recorrem, muitas vezes, às suas próprias poupanças para poderem gravar em estúdio. Naturalmente, colaboram com produtores musicais que preparam os instrumentais recorrendo a programas informáticos. Recentemente, ouvi também que várias pessoas utilizam instrumentais gratuitos disponíveis online, que servem de base para as suas criações musicais. A qualidade destes registos é, em muitos casos, questionável, o que constitui uma das causas de outro problema mencionado: a falta de internacionalização da música de São Tomé e Príncipe. A música santomense não circula internacionalmente da mesma forma que a música de outros países africanos: “A música de Angola bate aqui. A música de Cabo Verde bate aqui. Agora... qual é a música de São Tomé e Príncipe que está a bater em Angola, em Moçambique? Nada. É isso que não nos ajuda a circular, a deslocarmo-nos e a estabelecer comunicação com outros artistas”.

A falta de financiamentos não explica na totalidade a falta de internacionalização da música. A questão é bastante mais complexa, o que as próprias artistas acentuam indicando outros problemas, entre os quais – já sinalizados acima –, a falta de profissionais na área da música, a inexistência de produtores, managers, agentes, técnicos que pudessem não só conduzir as/os artistas no desenvolvimento das suas carreiras, como também ajudar a chegar a públicos mais vastos, fora de arquipélago. Os que existem, não são suficientes ou não correspondem às necessidades dos/as criadores/as.

Para que seja possível dedicar-se à música de forma profissional, isto é, garantindo os meios de subsistência necessários, é fundamental a existência de um circuito no qual um conjunto de tarefas seja desempenhado por diversos profissionais. Em São Tomé e Príncipe, atualmente, a produção musical, a gestão de artistas, os agenciamentos, entre outras áreas, encontram-se bastante fragilizadas.

Além destes obstáculos, que dizem respeito tanto a artistas homens como a artistas mulheres, elas enfrentam dificuldades acrescidas, resultantes da sua posição na sociedade. Apesar da existência de programas e iniciativas que visam promover a igualdade de género e a mudança social, as experiências relatadas pelas artistas revelam que, no essencial, pouco se alterou em relação ao panorama das décadas anteriores.

A palavra “mentalidade” surge como conceito-chave nas reflexões que fazem sobre a sua situação: “Os homens estão sempre à vontade. As mulheres têm sempre obstáculos a surgir. A questão da mentalidade.” Ou ainda: “Dizem que é um país muito maravilhoso, mas precisa de haver uma mudança de mentalidade [em relação à posição das mulheres]”.

¹⁴ Tradução: “(...) Lentamente, mas de forma constante, a educação musical está a ser incorporada no sistema escolar. Trata-se de um tipo de educação que treina o ouvido, os olhos e a mente para a aquisição de experiência na linguagem da música. Em vez de formar cada criança como um possível virtuoso, os professores estão a tentar formar cada criança para que seja musicalmente educada.”

O lugar da mulher na sociedade encontra-se bem definido, como refere uma das artistas: “Eu, como mulher, sofri muito por causa do preconceito. Porque eu, como mulher, tinha de estar no tanque, ficar no tanque a lavar roupa”. Outra artista reforça esta perspetiva: “Acho que em São Tomé as mulheres, até aos seus 20 anos, podem conseguir qualquer coisa, podem cantar qualquer coisa. Acho que depois disso vêm outros desafios. Vem o trabalho, vem a família, vem o marido. Podemos apanhar um marido que é mais machista, que não vai deixar cantar. Há uns que não entendem. Antes dos 20, as pessoas ainda conseguem cantar qualquer coisa...”.

As experiências repetem-se. As artistas com quem falei relatam histórias marcadas pela dor, pela injustiça e pelo sofrimento. Foram ofendidas, ridicularizadas e alvo de críticas particularmente cruéis, apenas por terem decidido dedicar-se à música. O que mais as marcou foi o facto de muitas das palavras impiedosas que lhes eram dirigidas provirem de outras mulheres.

Quando questionadas sobre quem mais as desvaloriza, se mulheres ou homens, respondem sem hesitar: “Mulheres!! E por isso doía tanto. E até as mulheres mais velhas. Até a minha mãe! A minha mãe dizia isso: esse mundo de cantora é o mundo de vadiagem. A minha própria mãe dizia isso! Que os homens vão assediar você, vão abusar você. Que a fama vai subir à cabeça...”.

As associações entre o mundo da música e ideias de vadiagem, abuso, diversão perigosa e comportamento inadequado para as mulheres continuam a ser frequentes. Persistem estigmas que associam as mulheres artistas a comportamentos desviantes, sendo vistas como vadias, desregradas ou imorais. Tudo isto contribui para que muitas desistam deste percurso logo numa fase inicial. São inúmeros os casos que me foram relatados de raparigas com talento, que gostam profundamente de cantar, que sabem escrever letras e têm imaginação musical incomum, mas que acabam por abandonar a música por não conseguirem expressar-se livremente, atuar e ser valorizadas.

A gravidade e a dimensão estrutural deste preconceito ficam evidenciadas num espetáculo mencionado por uma das entrevistadas, organizado por ocasião das comemorações do Dia da Mulher Santomense, em que participaram, como artistas, apenas cantores do sexo masculino.

Entre as artistas que resistiram às críticas, apesar de vários períodos em que sentiram vontade de desistir, há uma característica comum: querem contribuir para a mudança. Não só dando exemplo através da sua persistência e atividade artística, mas também por meio de diversas atividades educativas e de consciencialização. Acreditam que a mudança é possível, embora não esperem que aconteça num futuro próximo. Contudo, como dizem, cada passo dado é um ganho.

Por isso, após ouvir as suas histórias, decidi apostar em atividades formativas e conversas que levassem à reflexão, já que esta pode servir como um *trigger* de transformação gradual, lenta, mas profunda. Descrevo estas atividades na parte final deste ensaio.

Antes disso, apresento as mulheres artistas atualmente ativas em São Tomé e Príncipe. Entre elas, há pessoas que estão no início do seu percurso, mas elenco também a artista já

mencionada, que marcou a história da música do arquipélago, Sebastiana, que não se encontrava em São Tomé e Príncipe na altura da realização do projeto, tendo chegado apenas um ou dois dias antes da conferência final, pelo que não conseguiu participar nas atividades.

Os retratos fotográficos foram realizados pelo fotógrafo santomense/português José Chambel¹⁵, e os retratos escritos foram elaborados por mim com base nas entrevistas e conversas. A exposição dos retratos esteve patente na Esplanada do Senhor Fernando¹⁶, edifício situado numa zona central de São João dos Angolares, durante dois meses, atraindo um público amplo, tanto local como proveniente de outros lugares.

O resultado mais significativo revelou-se pouco tempo depois do final da minha residência de pesquisa, durante a realização de um projeto com a participação das mulheres do distrito de Caué: todas as participantes manifestaram a vontade de cantar e/ou tocar em público e solicitaram o seu retrato. Foi um projeto realizado em parceria com a entidade que acolheu a minha residência da pesquisa, dedicado a instrumentos musicais tradicionais. A iniciativa incluía diversas atividades dirigidas a jovens e crianças do distrito.

A formação em execução de instrumentos musicais gerou uma dinâmica criativa relevante entre as/os jovens participantes, que prepararam o espetáculo final. Muitas/os delas e deles já tinham assistido ao espetáculo das artistas após a residência criativa e, de forma espontânea, juntaram-se a elas no palco. Durante os ensaios no âmbito do projeto dedicado a instrumentos, mostraram-se totalmente à vontade, aprenderam a tocar, a cantar músicas em angolano e a preparar o evento final.

As jovens solicitaram os seus retratos, semelhantes aos das artistas com carreira em curso, evidenciando que a mudança é possível. Foram amplamente aplaudidas durante a apresentação e, nos dias seguintes, várias crianças aderiram também às oficinas, demonstrando interesse em cantar e tocar.

Num dia, juntamente com um grupo de jovens, estávamos a fazer algumas decorações para embelezar o espaço, quando, de repente, uma delas — uma menina de sete anos — começou a cantar a música composta no primeiro dia da residência criativa por Eurídice Dias e Kleusa Mery. Alguns segundos depois, juntaram-se outras raparigas — todas muito pequenas — e cantaram, repetidas vezes, o refrão da música.

Considero situações como a descrita a melhor prova de que a mudança é possível e de que a investigação-ação, quando conduzida por investigadores com a sensibilidade e as aptidões adequadas, constitui o caminho mais apropriado¹⁷.

¹⁵ <https://josechambel.com/>

¹⁶ A Casa do Senhor Fernando é um edifício histórico localizado na saída de São João dos Angolares, em direção ao Sul. A casa pertence à empresa Agro N'Golá, que acolheu a minha residência de pesquisa e cedeu a Esplanada da Casa para a realização das atividades e espetáculo final de uma residência artística que organizei para as artistas. Atualmente, a Esplanada foi transformada em Zângoma: oficina de construção e restauro de instrumentos musicais de São Tomé e Príncipe, resultante de outro projeto realizado em 2025. Para mais informações sobre este projeto e outras iniciativas, visite <https://manga-manga.com/>.

¹⁷ Todas as atividades realizadas no âmbito do projeto dedicado às artistas foram registadas e divulgadas, alcançando centenas de pessoas. Convido todas as pessoas a visitarem as minhas redes sociais, onde partilho regularmente fotografias e vídeos das atividades desenvolvidas no contexto de vários projetos. Facebook <https://www.facebook.com/magdalena.chambel> e Instagram <https://www.instagram.com/magdalena.chambel/>.

Retratos das artistas

ELAINE NETO



Elaine Neto (n. 1990) canta desde pequena. Lembra-se das primeiras músicas que aprendeu no jardim-de-infância e dos ensaios do grupo coral João Paulo II, na Igreja da Sé, que frequentava; primeiro acompanhando os pais e, mais tarde, como membro do coro. Cantou também em dueto com a irmã, sendo ambas convidadas para vários eventos. Uma das músicas que interpretavam, “Deixa cantar em você a criança”¹⁸, foi registada pela Rádio Nacional de São Tomé e Príncipe e emitida com frequência pela estação. Várias vezes foram acompanhadas pelo exímio guitarrista Oswaldo Santos. Mais tarde, cantou também com o acompanhamento de Dua Pina, teclista e produtor musical.

Foi com Oswaldo Santos que começou a estudar música, aprendendo a tocar guitarra e piano. A convite deste artista, integrou o grupo Vozes d’Obô, por ele criado. Foi uma experiência que a marcou muito, pois percebeu a força que têm as vozes bem trabalhadas. Era um grupo composto por cerca de 20 pessoas, que cantava a várias vozes um repertório bastante diversificado.

Aos 16 anos, viajou para Portugal e começou a alargar os seus horizontes musicais. Passou a apreciar outros ritmos, cantores e cantoras que antes não ouvia, como Alicia Keys, Sara Tavares ou Whitney Houston. Em 2012, concorreu ao programa Ídolos.

Passados dez anos, e tendo concluído os seus estudos, regressou a São Tomé e Príncipe. Decidiu reativar o grupo Vozes d’Obô e preparar um repertório de gospel, dando continuidade ao trabalho a várias vozes que tanto apreciava. Apesar de nunca ter tido aulas de canto, consegue cantar em várias vozes, preparar arranjos em polifonia e ensinar a cantar. O grupo retomou os ensaios, realizou algumas atuações e espera conseguir manter-se ativo, apesar do meio reduzido em que se insere.

Em 2018, a convite do exímio artista do sul da ilha, Nezó, juntou-se a ele, a Any Moreira e a Adilson Moreira para gravar a música “Ami cu bo”. Mais tarde, surgiu o convite para integrar o grupo Pacíficos, no qual também participava Nezó, e, finalmente, o convite para fazer parte do grupo Tempo, que em 2024 fez mais uma tentativa de reativação.

Continua a fazer parte do grupo coral João Paulo II, da Igreja da Sé.

Dá mais valor ao trabalho em grupo do que a uma carreira a solo.

¹⁸ A artista refere-se ao primeiro verso da música intitulada “A esperança tem voz” do Padre Alfonso Maria Parente.

EURIDICE DIAS



Euridice Dias nasceu em 1999, em São Tomé e Príncipe. Aos onze anos foi viver para Espanha, onde residia o seu irmão. Ficou lá até ao 12.º ano de escolaridade, altura em que decidiu regressar às ilhas. Desde pequena sentia que queria experimentar cantar, já que, como refere, “vive-se esta coisa da música quando o teu pai é cantor. Sentes, também, a pressão de fazer parte.” É filha de um dos cantores mais populares de São Tomé e Príncipe, Haylton Dias. Apesar da grande vontade, não teve possibilidade de se iniciar na música durante a infância ou a adolescência. Só após o regresso a São Tomé e Príncipe começou a ouvir a sua voz, a cantar em voz alta, cada vez mais.

No início, optou pelo rap. Escreveu várias letras e chegou a gravar uma estrofe numa música do seu pai, que, infelizmente, não chegou a ser lançada. Foi convidada a integrar um projeto que juntava vários rappers santomenses, sendo a única mulher no grupo. Com o tempo, porém, começou a sentir que o tipo de rap que se fazia à sua volta não correspondia ao que queria explorar artisticamente. As temáticas e a abordagem não a representavam, e foi perdendo identificação com o movimento.

Mudou, assim, totalmente de sonoridade, dedicando-se ao que chama de música romântica. Juntamente com Elton Mota, criou um grupo do qual fazia parte, também, um músico que tocava viola-baixo, que, entretanto, emigrou. Ficaram apenas os dois, ambos autores e compositores das músicas que interpretam. Gravaram a sua primeira faixa no estúdio do Moreno Produções e, pouco tempo depois, prepararam um videoclipe que foi muito bem recebido pelo público.

Costumam atuar em vários eventos e espaços. Já apresentaram a sua música no Centro Cultural Português, na Casa da Cultura, no Museu Nacional, entre outros. Atentos e criativos, são capazes de preparar temas específicos para eventos comemorativos, como aconteceu na celebração do Massacre de Batepá: quando receberam o convite, compuseram uma música dedicada aos mártires.

Para poder criar de forma mais plena e independente, Euridice começou a aprender a tocar viola e, cada vez mais, a compor as suas próprias músicas. Além de manter a colaboração com Elton Mota, pretende gravar alguns temas a solo, sempre com a convicção de que a música tem poder para mudar mentalidades e educar. Quer contribuir para mudanças e transformações que considera necessárias.

KLEUSA MERY



Cleusa Aurélio, de nome artístico Kleusa Mery, nasceu em 1993, na cidade de São Tomé. Cresceu na zona de Oque-Del-Rei e, desde que se lembra, esteve sempre rodeada de música. Os seus pais ouviam muita música e levavam-na, juntamente com as irmãs, a várias atuações musicais e eventos culturais.

Enquanto adolescente, apreciava bastante os artistas nacionais, entre os quais destaca Camilo Domingos, Juka, Kalú Mendes, Haylton Dias e, entre as cantoras, Sebastiana, Xinha e Cremilda. Contudo, a sua participação ativa na música começou relativamente tarde. Apenas depois de concluir a licenciatura em Tecnologias e Design de Multimédia, em Portugal, decidiu realizar o sonho de fazer música. Escreveu a sua primeira canção, que gravou num estúdio em Lisboa e lançou no YouTube em 2016. A partir daí, nunca mais parou.

O seu percurso abrangeu vários estilos musicais. Gostava de experimentar, de testar e de – gradualmente – definir o que lhe era mais adequado e aquilo que mais gostava de interpretar. Apesar de ter ocultado algumas das primeiras gravações no seu canal de YouTube, considera esse processo natural no seu crescimento e autodefinição.

Através das redes sociais, foi divulgando a sua música, particularmente entre o público santomense. Chegou a atuar em Lisboa e a apresentar o seu trabalho na RTP – Rádio e Televisão de Portugal.

Após o seu regresso a São Tomé e Príncipe, continuou a procurar o seu estilo musical, definir a sua imagem e identificar os géneros musicais com os quais mais se identificava. Estudou também o público, procurando perceber o que poderia ser apreciado pelos santomenses, já que decidiu afirmar-se nas ilhas, ganhar popularidade e ser valorizada localmente antes de levar a sua música ao mundo.

Optou por gravar vários temas com fortes referências ao arquipélago. Foi uma excelente aposta. Tanto o primeiro tema, “Eu amo o meu país”, como o seguinte, “Santomé sá gi non”, rapidamente conquistaram o público de várias faixas etárias, de diferentes zonas e profissões. Começou, então, a ser convidada para atuar em diversos eventos culturais.

Em São Tomé, trabalha com Dico Mendes, que produz grande parte das suas músicas. Para a produção de kizomba, um dos seus temas mais recentes, convidou Moreno Pro.

Apesar das várias críticas que ouviu relativamente à sua música — sobretudo após o seu regresso a São Tomé e Príncipe —, críticas essas que chegaram a fazê-la ponderar desistir de criar e cantar, acabou por encontrar o seu caminho e o seu público, que cada vez mais valoriza as suas canções. Não pensa em parar.

MORENA SANTIAGO



Stela Santiago, conhecida artisticamente como Morena Santiago, é a mais jovem cantora santomense atualmente ativa, com um trabalho já registado e disponível no YouTube, além de apresentações realizadas em vários locais das ilhas. Nasceu em 2008 e gravou a primeira música da sua autoria aos 15 anos. Antes disso, sempre soube o que queria: num país onde praticamente não há artistas individuais femininas, decidiu dedicar a sua vida à música, tentando incentivar mudanças no universo musical.

Cantou desde cedo, nas creches, escolas e coros de igreja. Acreditava no seu talento e nas suas capacidades. Começou cedo a escrever letras e poesias, e muitas vezes já imaginava a melodia enquanto escrevia. “Era apenas uma questão de chegar ao estúdio, transformar o imaginário em instrumental, gravar a voz e concretizar o sonho”, afirma. Assim aconteceu: recorreu à ajuda do produtor Moreno, que preparou o instrumental, abrilhantou a ideia inicial da melodia e gravou a sua voz. O videoclipe foi realizado logo a seguir, e a música “São Tomé e Príncipe” foi difundida através do YouTube e das redes sociais. Não parou por aí, continuando a compor e a gravar.

Seguiu-se um período agri-doce. Apesar da grande popularidade e dos numerosos fãs que começaram a apreciar a sua música, surgiu também um grupo considerável de críticos que falaram do seu trabalho de forma muito destrutiva. Como menciona, a maioria desta massa crítica cruel e vazia era constituída por mulheres. Chegou a querer desistir, não conseguia suportar o peso dos comentários dirigidos à sua pessoa. Felizmente, contou com o apoio da família, que a encorajou a continuar. Encontrou também algum conforto na sua comunidade religiosa, recuperou forças e voltou ao estúdio.

Até ao momento, tem cinco músicas gravadas, três das quais já lançadas e acompanhadas por videoclips. Em breve, espera conseguir lançar mais uma música; falta apenas gravar o videoclipe, algo que depende muito dos meios financeiros, nem sempre disponíveis no momento certo. Atua em vários lugares, não só na ilha de São Tomé, onde reside, mas também na ilha do Príncipe, de onde vêm alguns dos seus familiares. Gosta de ouvir tchabeta e encontra força e sabedoria nas letras criadas pelas mulheres cabo-verdianas que se dedicam a este género musical.

Além de cantar, pretende criar um espaço de ensino, de troca de ideias e de criação, onde as pessoas poderão trabalhar livremente nas suas expressões artísticas, sem medo ou receio das críticas não construtivas.

SEBASTIANA



“Eu luto muito pela cultura, sou cantora a solo. Cresci no seio da cultura, os meus pais são pessoas ligadas à cultura, e achei que não se pode deixar a cultura morrer. A primeira e a única mulher que dá vida à cultura aqui [em São Tomé e Príncipe] sou eu”¹⁹.

Sebastiana²⁰ nasceu em Neves e, ao que se lembra, esteve rodeada por diversas atividades culturais e musicais. Os seus pais, originários de outras partes da ilha, foram viver para Neves, onde Sebastiana passou a infância e a adolescência.

O seu pai fazia parte do grupo Mariense e, muitas vezes, a jovem Sebastiana acompanhava os ensaios e as atuações. “Nessa vida, nessa vida, comecei a cantar”, diz, acrescentando: “É mesmo um dom. E toda a minha família tem esse dom para a música.”

Em 1996 ou 1997, foi convidada a cantar com o conjunto Sangazuza. Com este grupo gravou uma música em língua angolar que, como sublinha, fez questão de aprender já adulta, por ter sido a língua que mais ouviu durante a infância e adolescência em Neves.

Ao longo da sua carreira a solo, atuou em inúmeros espaços em São Tomé e Príncipe e em Portugal. Gravou cinco discos, sendo a maioria das músicas da sua autoria.

Durante as suas passagens ou estadas mais prolongadas em Portugal, costuma atuar com grupos santomenses criados na diáspora. Já cantou com o grupo Leguélá e com a banda Equador.

Paralelamente, participou em grupos performativos tradicionais, em particular no danço congo. O primeiro grupo de que fez parte foi o danço congo Floli Kanido de Ponte Graça. Foi uma excelente escola que deixou marcas significativas e muito positivas: anos depois, em 2018, Sebastiana criou o seu próprio grupo de danço congo – Equador de Caixão Grande.

¹⁹ Todas as citações provêm da entrevista realizada com Sebastiana em Caixão Grande, no dia 27 de julho de 2024.

²⁰ A entrevista com a Sebastiana foi realizada em 2024, ano anterior ao início do projeto cujos resultados aqui apresento. Na altura da execução do projeto apoiado pelo Ibermúsicas, a Sebastiana encontrava-se em Portugal, onde costuma passar longos períodos. Por este motivo, não foi possível aprofundar a recolha do material iniciada em 2024 e realizar atividades com a sua participação. Contudo, a sua relevância e persistência no domínio da cultura, bem como a sua constante dedicação à criação de novos projetos, grupos e atividades, levaram-me a considerar essencial incluir aqui o seu retrato. É também a artista com o percurso mais longo, mantendo atividade até ao presente, e que reside em São Tomé e Príncipe.

VANESSA FARAY



Vanessa Faray é uma artista multifacetada, totalmente entregue à criação e à interpretação. Acredita que, através das atividades artísticas, é possível mudar o mundo, pelo que quer contribuir para essa mudança no seu universo, o arquipélago de São Tomé e Príncipe. Nasceu em 1999 e passou a infância na roça Santa Clara. A descendência e a convivência com pessoas de origem cabo-verdiana fizeram com que não só aprendesse a falar crioulo cabo-verdiano, mas também participasse num grupo de tchabeta. Esta experiência, muito enriquecedora, mostrou-lhe a força que a palavra declamada — criada por mulheres — pode ter.

Sempre gostou de cantar, dançar e representar. A sua energia era — e continua a ser — inesgotável. Sempre foi muito apta a aprender e a explorar novas áreas. Em paralelo às artes, foi ativa no desporto, participando e criando equipas em várias modalidades.

O início do seu percurso musical mais consistente ficou marcado pelo rap. Foi uma grande fã do grupo Força Suprema e inspirava-se nas suas criações. Começou a escrever e a fazer as primeiras atuações, inicialmente na escola. Criou um grupo com dois amigos e colegas, Dany e Bruno, e juntos apresentavam músicas de rap. O público, não habituado a ver uma mulher a cantar — e ainda por cima neste estilo musical — ficava admirado. Mais tarde, criou o grupo Divas STP, juntamente com duas amigas. Incentivava todas a escrever e a atuar. Foi mais um projeto que não resistiu à prova do tempo nem aos comentários, nem sempre agradáveis, do público.

Várias situações pessoais levaram-na a afastar-se um pouco da cena musical durante algum tempo. Mas a necessidade de criar e interpretar foi mais forte e, passado algum tempo, regressou aos palcos. Abraça as várias oportunidades que, neste microuniverso, não são numerosas para alguém com as suas capacidades artísticas. Em 2023, integrou o elenco do espetáculo “Esse caminho longe”, inspirado na história de vida de Olinda Beja, com textos da própria escritora e de Lígia Santos, e encenação de Graeme Pulleyn e Márcio Meirelles. O espetáculo, preparado durante uma residência criativa, foi apresentado em Portugal, no Brasil e também em São Tomé e Príncipe.

Voluntária de longa data da Fundação da Criança, fez parte do projeto Orquestra Rizoma, apoiando as atividades educativas. Juntamente com o maestro da Rizoma, Clismar Carvalho, participou no projeto “Raízes Sonoras: Um Encontro Afro-Lusófono”, que resultou num concerto com a participação da Orquestra GeraJazz e vários artistas convidados. O concerto teve lugar na Aula Magna da Universidade de Lisboa, em novembro de 2024.

Em 2025, participou, num dos papéis principais, na longa-metragem de Ângelo Torres — ainda por estrear —, entre vários outros projetos realizados nas ilhas e fora de São Tomé e Príncipe.

VIVALDA PRAZERES



Vivalda Prazeres (n. 1986), de nome artístico Kennya, é uma pessoa que apostou tudo para incentivar a mudança, particularmente no mundo da música e na participação das mulheres neste universo. Pretende não só dar o exemplo através da sua atividade artística, mas também partilhar os seus conhecimentos e experiências através de várias atividades e iniciativas. Para além de cantora e autora das suas músicas, é jornalista e produtora.

O sonho de ser cantora acompanhou-a desde criança e foi inspirado pela mãe, que estava sempre a cantar. Os pais sempre apreciaram música; o leque de artistas ouvidos em casa era vasto, incluindo tanto músicos nacionais como estrangeiros. Vivalda teve a sorte de ter aulas de música na escola, tendo frequentado a Escola Portuguesa. Participou em vários concursos e espetáculos — gostava do palco.

Outra influência importante foi a sua estadia no Brasil, onde o universo sonoro é riquíssimo e a energia contagia qualquer pessoa, sobretudo quem já tem alguma inclinação para a área. Estudou Jornalismo no Nordeste, região onde se ouve e se dança muito forró. A participação em eventos dançantes, quase sempre acompanhados por música ao vivo, passou a fazer parte da sua rotina.

Após o regresso às ilhas, gravou a sua primeira música, dedicada ao filho. Foi o início de uma carreira que — apesar de vários intervalos — dura até hoje e que resultou em registos de músicas a solo e em colaborações com outros artistas.

Exerceu atividades como jornalista, área da sua formação, mas esta profissão, apesar das suas exigências, nunca foi suficiente para ela. Atenta observadora e comentadora da realidade social e cultural das ilhas, identificou uma lacuna no que respeita ao mundo musical e artístico em geral e decidiu criar uma produtora e agência de apoio a artistas. Assim surgiu a Veeda Studio, que pretende, não só trabalhar diretamente com os artistas produzidos e/ou agenciados pela empresa, como também contribuir para uma mudança importante e necessária no panorama musical das ilhas.

Quer dar força às mulheres e mostrar à sociedade que as vozes femininas — e as mensagens por elas transmitidas — são indispensáveis para se alcançar uma sociedade justa, onde todas e todos possam encontrar o seu lugar sem serem julgados ou ofendidos, como infelizmente acontece com frequência e leva muitas pessoas a desistir.

Espera que, com persistência, seja possível recuperar a riqueza musical que existiu em São Tomé e Príncipe e incluir as mulheres neste universo tão rico e promissor.

Transformação do projeto: investigação-ação

Desde a proposta inicial, incluí no meu projeto atividades educativas, culturais e de divulgação do conhecimento apreendido²¹.

Após a realização das primeiras entrevistas, cheguei à conclusão de que, neste projeto, o peso das atividades paralelas à investigação deveria ser significativamente maior do que o inicialmente previsto. Deparei-me com um universo desertificado, com poucas artistas ativas, cujos percursos nem sempre estavam consolidados. Praticamente não tive oportunidade de assistir às suas atuações durante o período em que estive a desenvolver o projeto.

Como Bruno Nettl no seu capítulo dedicado às ausências/presenças das mulheres na música, sempre questiono o que fazer com o conhecimento recolhido, quando as pessoas com as quais se trabalhou abertamente consideraram a sua situação como negativa e, direta e indiretamente, pediram apoio. “And then, there is the relationship of study and advocacy: how can what we have learned help to improve the world?”²² (Nettl, 2015: 392). Normalmente, acabo por recorrer ao trabalho na área de formação, produção e divulgação, na academia designado de antropologia-ação ou investigação-ação (Rubinstein, 2018). Para mim, significa juntar duas das minhas áreas profissionais, investigação e produção²³, e contribuir para as mudanças onde são identificadas como necessárias pelos criadores e intérpretes.

Neste caso concreto, acrescentei várias pessoas à lista de entrevistas, procurando, através das questões, não só compreender a complexidade da situação, como também alertar as/os entrevistadas/os para a sua gravidade. Em paralelo, revi os programas das atividades inicialmente planeadas e acrescentei outras iniciativas.

Todas as atividades forneceram materiais, recolhidos de forma distinta da entrevista tradicional, extremamente relevantes para o meu estudo. Tanto os workshops como as aulas e conferências foram concebidos como atividades colaborativas, assentes num debate contínuo e numa troca de conhecimentos e opiniões. Todas elas incentivaram dezenas de participantes de várias faixas etárias à reflexão.

Os obstáculos que surgiram ao longo do processo de preparação de uma das atividades demonstraram-me que a parca presença de mulheres artistas individuais no universo musical santomense é um tema incómodo, frequentemente silenciado. Tal como testemunharam as artistas com quem conversei, em alguns casos, quem mais se opõe a qualquer tentativa de mudança desta situação são, inclusive, outras mulheres.

As alterações realizadas não se limitaram ao desenvolvimento das atividades formativas e criativas, mas também envolveram os conteúdos dos programas dessas atividades, necessários para um melhor aproveitamento desses momentos pelos/as participantes.

²¹ Costumo fazê-lo sempre que possível, quer no âmbito dos meus próprios projetos de investigação, quer em projetos nos quais participe, sempre que os investigadores responsáveis demonstram abertura para tal.

²² Tradução: “E depois há a relação entre estudo e intervenção social: de que forma o conhecimento produzido pode contribuir para a melhoria do mundo?”

²³ Ao longo do meu percurso, Lucy Durán foi sempre o meu exemplo. Para mais informações sobre o enriquecedor contributo da produção na investigação, ver Durán, 2011.

Partilho abaixo a lista das atividades realizadas, com algumas informações sobre a sua execução e observações acerca das adaptações necessárias.



**A MÚSICA COMO FONTE PARA
AS CIÊNCIAS SOCIAIS E AS HUMANIDADES**
CICLO DE WORKSHOPS
NO ÂMBITO DO PROJETO
"MULHERES NO UNIVERSO MUSICAL DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE"
POR **MAGDALENA CHAMBEL**
(CH-UL & Manga-Manga)

22-25 DE ABRIL DE 2025
ISEC - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO / USTP

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA dgARTES DIREÇÃO GERAL DAS ARTES IBER MÚSICAS USTP UNIVERSIDADE DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE CH CENTRO HISTÓRIA MANGA-MANGA AgriN'golá

Workshops no Instituto Superior de Educação e Comunicação da Universidade de São Tomé e Príncipe: “A música como a fonte para as ciências sociais e as humanidades”

Os workshops foram realizados em duas turmas de licenciatura em Ensino Básico e uma turma de licenciatura em Educação de Infância. A escolha destas turmas foi propositada: ambas as licenciaturas preparam futuros/as professores/as de expressão musical no primeiro ciclo de ensino básico e nos jardins de infância. A atividade decorreu no horário de disciplina de Educação Musical, que tem duração bastante alargada – 2h30 – o que permite um trabalho completo e com envolvimento de todas/os as/os alunas/os presentes. O programa preconcebido foi adaptado aos conhecimentos prévios dos/das participantes relativos à música criada e interpretada em São Tomé e Príncipe. A parte fulcral de debate foi dedicada às mulheres artistas. Como as turmas são compostas maioritariamente por mulheres, a sua reflexão permitiu-me recolher materiais relevantes para o estudo. Adicionalmente, registei nomes de mais algumas artistas recentemente ativas ou de pessoas que se dedicavam à música, mas desistiram por causa dos obstáculos que encontraram no caminho.

Um dos elementos, recorrente em várias histórias, mais uma vez se tornou evidente: a migração intensa dos últimos anos. Esta, em muitos casos, resulta no quase total abandono da

música. As pessoas emigram para Portugal, na maioria dos casos, e não têm tempo, condições ou vontade de criar ou atuar. Interrompem as carreiras iniciadas nas ilhas para responder às dificuldades do dia-a-dia. Talvez a situação mude numa fase posterior da sua vida no estrangeiro. Uma vez estabelecidas e organizadas são capazes de voltar a dedicar uma parte do seu tempo à música.

Num outro momento, entrevistei os professores responsáveis por esta cadeira, o que me permitiu conhecer os seus métodos de ensino, bem como as dificuldades relacionadas com ensino de música nas escolas. Estas entrevistas foram enriquecidas pelas discussões – noutros momentos, não relacionadas com este projeto – com responsáveis pelos programas e ensino de expressões artísticas na Direção Geral do Ensino Básico.



QUALIDADE, ACIMA DE TUDO
WORKSHOP
&
RESIDÊNCIA CRIATIVA

com a participação de **Euridice Dias, Kleusa Mery,**
Morena Santiago, Vanessa Faray
formadores: **Magdalena Chambel e Nezó**
colaboração: **Bulauê Nhé Kosso e José Chambel**

Atividade realizada no âmbito do projeto
"Mulheres no universo musical de São Tomé e Príncipe"
de Magdalena Chambel, apoiado pelo Ibermúsicas.

1-3 de maio de 2025

ESPLANADA DO Sr. FERNANDO, SÃO JOÃO DOS ANGOLARES



Workshop e residência criativa para cantoras “Qualidade acima de tudo”

1-3 de maio de 2025, São João dos Angolares

Ao longo de três dias, quatro artistas que atualmente desenvolvem atividades na área de música de forma mais ativa, participaram numa residência criativa com elementos formativos, que decorreu em São João dos Angolares. Todas elas vivem na cidade-capital e não costumam deslocar-se frequentemente ao sul da ilha de São Tomé, pelo que ficaram deslumbradas com a beleza e tranquilidade da zona. Logo nos primeiros momentos após a

chegada a Angolares, afirmaram que este era um lugar ideal para a atividade. Duas delas – Euridice Dias e Kleusa Mery – não perderam tempo. Em alguns quartos de hora, apresentaram-me uma música que tinham acabado de criar. Foi a música que – mais tarde trabalhada com outras artistas – se tornou em hino desta residência e foi rapidamente apreendida pelas raparigas de São João dos Angolares que costumavam assistir aos ensaios e a outras atividades que decorriam ao ar livre ou nos espaços sem limitações de acesso²⁴. Passado algum tempo, conseguia-se ouvir a música cantada em vários cantos de Angolares²⁵.

O programa que tinha preparado para as partes formativas foi bastante alterado. Depois de ouvir as artistas, apostei nas atividades colaborativas, nos debates, na análise de questões que elas levantaram. Foram identificados os obstáculos que dificultam os seus percursos no mundo da música, principais lacunas do mundo de produção musical no arquipélago, mas também se procuraram formas de as preencher, de solucionar os problemas. Apesar de ter se chegado, mais uma vez à conclusão de que o processo que poderá resultar em mudança será longo, todas demonstraram vontade e sublinharam a importância de persistir em dar pequenos passos no sentido de futura transformação, na qual elas acreditam.

A parte criativa do encontro decorreu com a participação do músico, cantor, compositor e ainda artista plástico, Nezó, uma das pessoas mais importante na área de arte e cultura de São Tomé e Príncipe. Juntaram-se às sessões os membros e as membras do grupo bulauê Nhé Kosso. Após os primeiros momentos de conhecimento mútuo, foi escolhido repertório a trabalhar para apresentar no espetáculo final que decorreu no último dia da residência na Esplanada do Senhor Fernando e contou com calorosa receção do público.

As sessões formativas e criativas aconteceram em vários ambientes e locais, entre as quais as matas que rodeiam a cidade de Angolares e que são verdadeiros tesouros em termos de som. O momento memorável aconteceu na tenda de um vianteiro²⁶, que também é membro do bulauê Nhé Kossó, onde as artistas não só ensaiaram as músicas para o espetáculo final, mas também experimentaram a tocar os instrumentos musicais de bulauê e improvisaram um arranjo original de uma música bastante conhecida.

As artistas demonstraram vontade em continuar sessões de trabalho nos próximos meses, já na cidade, com uma regularidade a definir. Vai se tentar ir preenchendo lacunas em conhecimentos, refletir sobre formas de criar melhores condições para artistas e, principalmente, elaborar um plano que contribua para a mudança em relação à participação das mulheres no universo musical santomense. Por seu lado, em São João dos Angolares, em

²⁴ Este foi um dos objetivos da estada das artistas em São João dos Angolares: de partilhar, de forma não planeada, espontânea, os momentos de criação ou ensaios com habitantes da vila, particularmente com raparigas e jovens, incentivando-as desta forma a experimentarem entrar no mundo da música.

²⁵ O resultado revelou-se mais duradouro do que alguma vez esperado, o que já sinalizei num dos capítulos anteriores. Alguns meses depois desta residência, durante uma outra atividade para crianças que organizei, as raparigas de 4 a 9 anos, que estavam a fazer uns desenhos a volta da mesa da oficina Zángoma, começaram a cantar esta música. De forma totalmente espontânea e com a participação de todas presentes naquele momento. Foi mais uma demonstração da força que a música tem e da importância que deve ser dada à educação musical, desde muito cedo até aos últimos anos do ensino secundário.

²⁶ Extraídor de vinho de palma.

resultado desta atividade, surgiu a vontade de um grupo de jovens raparigas em começar as atividades formativas e criativas na área da música.

CONCERTO
ENCONTROS NO SUL
com:
**Kleusa Mery, Morena Santiago,
Vanessa Faray e Euridice Dias**



Nezô e Bulauê Nhé Kossó
3 de maio de 2025 - 16:00h
ESPLANADA DO Sr. FERNANDO, SÃO JOÃO DOS ANGOARES

Atividade realizada no âmbito do projeto "Mulheres no universo musical de São Tomé e Príncipe" de Magdalena Chambel, apoiado pelo Ibermúsicas.



Concerto “Encontros no Sul” com a participação de Euridice Monteiro, Kleua Mery, Morena Santiago, Vanessa Faray, João Carlos “Nezô” e bulauê Nhé Kossó.

3 de maio de 2025, Esplanada do Sr. Fernando, São João dos Angolares

Um encontro de pessoas que não se conheciam, mas que partilham a mesma ocupação, que – ao mesmo tempo – é a sua paixão, a música, teve um resultado previsível desde os primeiros momentos. Foi não só um sucesso imediato, confirmado no momento do espetáculo, mas também um incentivador para os futuros trabalhos criativos e educacionais. O repertório, bastante variado, incluiu tanto as músicas das próprias artistas, como os temas de outras autorias, por elas escolhidas. Ademais, foram incluídos os temas do Nezô e do bulauê Nhé Kossó. Os arranjos foram preparados durante os ensaios, bem como o alinhamento final.

Durante a preparação do espetáculo, constatou-se a necessidade de uma apresentação que permitisse enquadrar o público neste rico trabalho. Foram convidadas duas jovens de Angolares, Arlete e Sergina, que, juntamente com uma das artistas, Vanessa Faray — com experiência na área do teatro —, escreveram e ensaiaram as partes faladas que apresentaram. A visita espontânea ao espaço dos ensaios do bailarino contemporâneo e ator de São João dos

Angolares, Victor Cruz, resultou em preparação de uma coreografia que acompanhou uma das músicas.

O espetáculo foi apresentado na Esplanada do Sr. Fernando, em São João dos Angolares, perante dezenas de habitantes locais, bem como pessoas vindas de outras partes da ilha. Uma vontade indescritível de partilhar, expressa não só pelas artistas, mas também pelo público, levou as raparigas de São João dos Angolares – Cristina, Alekcieva e Maria – a subirem ao “palco” sem medos nem hesitações, sem ensaios, confiando nas suas capacidades, para uma cadência final irrepetível, que serviu de impulso para os planos de criação de atividades para jovens de Angolares.



Exposição de fotografia de José Chambel. “Romper o silêncio. Retratos de mulheres cantoras de São Tomé e Príncipe: uma homenagem em permanente construção”.

Esplanada do Sr. Fernando, São João dos Angolares, 1-31/05/2025

A exposição "Romper o silêncio. Retratos de mulheres cantoras de São Tomé e Príncipe: uma homenagem em permanente construção", apresentada na Esplanada do Sr. Fernando, foi composta por fotografias realizadas pelo fotógrafo santomense/português, José Chambel, nas sessões que ocorreram nos meses anteriores, durante a minha pesquisa. Na maioria, os locais onde decorreram as sessões fotográficas foram escolhidos pelas próprias artistas, que desta

forma revelaram um pouco do seu universo. A recolha de imagens, bem como de entrevistas, continuará mesmo depois da conclusão deste projeto, já que o objetivo do nosso trabalho é o de arquivar os testemunhos todos os criadores e intérpretes do arquipélago²⁷. A pesquisa abrange, também, as cantoras a viver na diáspora.

A exposição esteve patente na Esplanada do Sr. Fernando mais tempo do que inicialmente previsto, já que se notou ter despertado o interesse não só do público local, mas também das pessoas – nacionais e estrangeiras – que passavam por São João dos Angolares.



Workshops nas escolas de Caué: “Aqui há cantora?”

Escola de Ribeira Peixe e Liceu de São João dos Angolares, 7-9 de maio de 2025

Ao longo da realização do projeto, apercebi-me da enorme vontade dos jovens em falar sobre música. Contudo, os seus conhecimentos revelam-se bastante lacunares, particularmente no que diz respeito à história da música de São Tomé e Príncipe. Acompanham sobretudo as novidades divulgadas na internet, muitas vezes de forma aleatória ou mediada pela opinião de colegas e amigos. A maioria dos/as jovens não dispõe de referências do passado e desconhece parte de um universo musical que me foi transmitido, ao longo dos últimos anos,

²⁷ Alguns dos resultados estão já disponíveis online no portal Mapa Cultural de São Tomé e Príncipe: <https://cultura.st/>. Sublinho que é somente uma amostra do projeto em curso que conta já com dezenas de entradas elaboradas, que futuramente serão partilhadas online para um público em geral.

pelas gerações anteriores. Para que a mudança ocorra, é fundamental que as gerações mais jovens sejam envolvidas, uma vez que tendem a revelar maior abertura ao conhecimento e a novos modos de viver.

Por estas razões, decidi realizar uma série de workshops nas escolas do distrito de Caué e concluí que foi uma boa aposta. O interesse superou as expectativas. Houve pedidos das turmas pelas quais não passei de realização da atividade também em sua sala de aula.

O título deste workshop, retirado de um grito de espanto de uma jovem com quem conversei em Angolares, revelou-se particularmente acertado. Após um debate sobre os gostos musicais dos/das alunos/as, a passar para a parte fulcral da atividade, notava os olhares de espanto. Mulheres cantoras? Com dificuldade conseguiam-se lembrar de uma ou duas.

Foram encontros enriquecedores para ambas as partes. Eu percebi que mesmo entre as faixas etárias mais jovens, existe uma clara divisão de atividades por género, vastamente aceite e por poucos questionada. Os alunos e as alunas começaram a rever as suas listas de músicas preferidas e a perceber que praticamente não têm aí guardados os temas interpretados por mulheres, quando se trata da música de São Tomé e Príncipe, ao contrário de outros países. As músicas do Brasil, Cabo Verde e Angola ocupam espaço importante nas listas dos/das jovens ouvintes. Soube que, mesmo quando existem as pessoas talentosas, na grande parte dos casos “tem vergonha” de subir ao palco, de procurar alguém para trabalhar com elas, de se dedicar à música.

SILENCIOSAS OU SILENCIADAS?

Mulheres no universo musical de São Tomé e Príncipe

CONFERÊNCIA

SESSÃO DE ABERTURA:
Emir Boa Morte
Diretor Geral de Cultura
Celeste Sebastião
Centro Cultural Português

SESSÃO PLENÁRIA:
Conceição Lima
Herculano Lopes
Magdalena Chambel

MESA-REDONDA:
Eurídice Dias
Kleusa Mery
Morena Santiago
Vanessa Faray
João Carlos Nezó

4 de junho de 2025 - 17:00h
CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS

Atividade realizada no âmbito do projeto "Mulheres no universo musical de São Tomé e Príncipe" de Magdalena Chambel, apoiado pelo Ibermúsicas.

Conferência “Silenciosas ou silenciadas. Mulheres no universo musical de São Tomé e Príncipe”

Centro Cultural Português em São Tomé e Príncipe, 04/06/2025

Sessão de abertura: Emir Boa Morte (Diretor Geral de Cultura de São Tomé e Príncipe) e Celeste Sebastião (Centro Cultural Português)

Sessão plenária: Conceição Lima, Herculano Lopes e Magdalena Chambel

Mesa-redonda: Euridice Monteiro, Kleusa Mery, Morena Santiago, Vanessa Faray, João Carlos “Nezó”

A conferência final do projeto, tal como o próprio projeto e várias das atividades que o integraram, decorreu num formato alterado, adaptado às circunstâncias. Desta vez, para além da minha decisão de alterar a estrutura do evento, foi necessário transferir a atividade para um espaço diferente do inicialmente programado, devido a um conjunto de obstáculos que impossibilitaram a sua realização no local previsto.

Tratou-se de um debate importante, com contributos de natureza diversa: uma abordagem histórica apresentada pela escritora e jornalista Conceição Lima, uma apresentação de Herculano Lopes, baseada na sua experiência direta de trabalho com artistas e agentes culturais, testemunhos pessoais das cantoras e resumo final de Nezó, que as acompanhou durante a residência criativa e que conhece profundamente o atual universo musical das ilhas.

Abordei algumas conclusões preliminares e partilhei os relatos das atividades realizadas, sublinhando a importância da ação no sentido da mudança, muitas vezes referida por várias pessoas, em particular mulheres — tanto aquelas que se dedicam ativamente à música como as que sentem a ausência de vozes femininas fortes e presentes no atual panorama musical do país.

Naturalmente, a música não faltou. Foram apresentadas versões acústicas dos maiores êxitos das cantoras, com o acompanhamento de Nezó na viola.

Reflexões finais

Quando criei o título para o projeto de investigação, não tinha noção da intensidade do silêncio presente no universo musical de São Tomé e Príncipe, especialmente no que diz respeito às artistas que desenvolvem carreira a solo. Durante todo o período de investigação, sempre acompanhado pela divulgação do projeto, evitei usar esta parte principal do título — *Silenciosas ou silenciadas?* —, para não induzir conclusões ou opiniões precipitadas. Foi um pressentimento meu, baseado no conhecimento da história da música das ilhas, mas não fundamentado — na altura — pelos dados recolhidos e analisados. O primeiro momento em que utilizei o título completo, mantendo a interrogação, foi durante a conferência final, que ocorreu já depois da conclusão da pesquisa, da realização das atividades e da análise de parte do material recolhido.

A conclusão a que chego transforma a pergunta em afirmação: silenciosas e silenciadas. É esta a realidade das mulheres no universo musical de São Tomé e Príncipe, particularmente das que apostam numa carreira a solo.

As artistas enfrentam tantos obstáculos que muitas desistem ao longo do caminho. Algumas nem sequer chegam a se apresentar publicamente, pois o medo da receção do público e das opiniões da sociedade ultrapassa a sua capacidade de superação. Silenciosas, cantam para elas mesmas ou, como várias vezes relatam, para os seus filhos e filhas.

Em contrapartida, há aquelas que ganham coragem e começam a atuar publicamente, a gravar e a publicar as suas músicas. No entanto, ao ouvirem críticas repetidas, frequentemente destrutivas, que surgem em diversos momentos deste percurso, muitas vezes sem uma justificação clara, acabam por desistir. Silenciadas, deixam de cantar.

A investigação é necessária, pois oferece um quadro mais claro da situação. No entanto, ela permanece incompleta se não for acompanhada de ação, pois é isso que todas as entrevistadas aguardam.

Entrevistas utilizadas

Laura dos Santos, STP.01.2015, 3.01.2015, Amadora.
Xinha, STP.01.2023, 02.02.2023, Barreiro.
Cremilda Nogueira, STP.05.2023, 25.04.2023, Lisboa.
Antónia Cravid, STP.10.2023, 13.08.2023, Almada.
Sebastiana, STP.02.2024, 27.07.2024, Caixão Grande.
Kátia Semedo, STP.03.2024, 12.10.2024, Lisboa.
Anjo Delax, STP.02.2025, 28.02.2025, São Tomé.
Elaine Neto Vicente, STP.03.2025, 03.03.2025, São Tomé.
Vanessa Faray, STP.04.2025, 07.03.2025, São Tomé.
Vivalda Prazeres, STP.05.2025, 12.03.2025, São Tomé.
Cleusa Aurélio, STP.06.2025, 18.03.2025, São Tomé.
Stella Santiago, STP.07.2025, 19.03.2025, São Tomé.
Emir Boa Morte, STP.10.2025, 28.03.2025, São Tomé.
Lázaro Vicente, STP.11.2025, 01.04.2025, São Tomé.
Mardginia Pinto, STP.12.2025, 01.04.2025, São Tomé.
Herculano Lopes, STP.14.2025, 09.04.2025, São Tomé.
Carla Moreira Quaresma, STP.15.2025, 10.04.2025, São João dos Angolares.
Luís Viegas, STP.16.2025, 11.04.2025, São Tomé.
Atanásio Marta, STP.17.2025, 25.04.2025, São Tomé.
Euridice Dias, STP.18.2025, 29.04.2025, São Tomé.
Nádia Benguela, STP.19.2025, 19.05.2025, São Tomé.
Hilária Fernandes, STP.20.2025, 20.05.2025, São João dos Angolares.
Alexandrina Menezes de Pinho, STP.21.2025, 29.05.2025, São Tomé.

Bibliografia

Amado, Lúcio Neto (2010), *Manifestações culturais são-tomenses. Apontamentos, comentários, reflexões*, São Tomé, UNEAS.

Amoah-Ramey, Nana Abena (2018), *Female Highlife Performers in Ghana. Expression, Resistance, and Advocacy*, Lanham, Lexington Books.

Bialoborska, Magdalena (2017), “Eu, como jovem... Não é isso a vida que quero. Os motoqueiros em São Tomé e Príncipe: uma estratégia, arriscada, de sobrevivência”, *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, 23, pp. 245-272.

Bialoborska, Magdalena e Cristina Udelsmann Rodrigues (2017), "Organization and Representation of Informal Workers in São Tomé and Príncipe: State Agency and Sectoral Informal Alternatives", *African Studies Quarterly*, 17(2), pp. 1-22.

Chambel, Magdalena Bialoborska (2022), *Dêxa puíta sócô(m)pé. Música em São Tomé e Príncipe do colonialismo à independência*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa.

Drinker, Sophie (1948), *Music and women. The story of women in their relation to music*, New York, Coward-McCann, Inc.

Durán, Lucy (2011), “Music Production as a Tool of Research, and Impact”, *Ethnomusicology Forum*, 20(2), pp. 245-253.

Impey, Angela (2018), *Song walking. Women, music, and environmental justice in an African borderland*, Chicago, The University of Chicago Press.

INE (2025), *Relatório dos resultados do V recenseamento geral da população e habitação 2024*, São Tomé, Instituto Nacional de Estatísticas.

Koskoff, Ellen (ed.) (1987), *Women and Music in Cross-Cultural Perspective*, Urbana, University of Illinois Press.

Nascimento, Augusto (2002), *Poderes e quotidiano nas roças de S. Tomé e Príncipe: de finais de oitocentos a meados de novecentos*, S.l., edição do autor.

Nascimento, Augusto (2003), “Os São-Tomenses e as mutações sociais na sua história recente”, *Africana Studia* (6), pp. 7-44.

Nascimento, Augusto (2013), “As fronteiras da nação e das raças em São Tomé e Príncipe”, *Varia Historia*, 29(51), pp. 721-743.

Nettl, Bruno (2015), *The Study of Ethnomusicology Thirty-Three Discussions*, Urbana, University of Illinois Press. 3rd edition.

Reis, Fernando (1969), *Povo Flogá. O Povo Brinca. Folclore de São Tomé e Príncipe*. São Tomé, Câmara Municipal.

Rubinstein, Robert A. (2018), “Action Anthropology”, in *The International Encyclopedia of Anthropology*, Wiley, pp. 1–7.

Santo, Carlos Espírito (1998), *A Coroa do Mar*, Lisboa, Caminho.

Tavares, Manuel de Jesus (2005), *Aspectos evolutivos da música cabo-verdiana*, Praia, Centro Cultural Português.

Tenreiro, Francisco (1961), *A Ilha de São Tomé*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.